

Revista Científica

FACULDADE ATENAS- PARACATU-MG

Indexadores:

latindex

LivRe
Revistas de livre acesso

INSS 1980-6957 | Vol 12 nº4 Ano 2020



FACULDADE
ATENAS

www.atenas.edu.br
38 3672-3737

RELACIONAMENTO PROFESSOR/ALUNO: a importância da afetividade no processo de aprendizagem da criança na Educação Infantil

Érica Gama Gonçalves
Jane Fernandes Viana do Carmo
Jordana Vidal Santos Borges
Daniela Stefani de Marquez
Maria Luiza Homero Pereira

RESUMO

O estudo ora apresentado trata da importância da afetividade entre o professor e o aluno com vistas à construção da aprendizagem mais prazerosa, harmônica e concreta. Por meio de metodologia bibliográfica traz conceitos pertinentes, tais como afetividade, relação entre família e escola, processo ensino-aprendizagem. Os autores pesquisados concordam que não é possível desenvolver um bom processo de ensino-aprendizagem sem a presença de relações afetuosas. Pode-se concluir que as relações afetivas positivas são consideradas essenciais para que o professor tenha a oportunidade de despertar e incentivar o aluno para a participação ativa nos processos desenvolvidos pela prática pedagógica.

Palavras-chave: Afetividade. Relação professor/aluno. Afetividade na aprendizagem.

ABSTRACT

The present study deals with the importance of affection between the teacher and the student with views to the construction of learning more enjoyable, harmonica and concrete. By means of a bibliographic methodology brings relevant concepts, such as affectivity, the relationship between family and school, teaching-learning process. The authors surveyed agree that it is possible to develop a good the teaching-learning process without the presence of affectionate relationships. It can be concluded that the positive affective relationships are regarded as essential to ensure that the teacher has the opportunity to awaken and encourage the student to active participation in the processes developed by the pedagogical practice.

Keywords: *affectivity. Student/Teacher Ratio. Affectivity in learning.*

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo mostrar a importância das contribuições da relação afetiva no processo de aprendizagem, visando compreender como acontece a relação afetiva entre professor e aluno na educação infantil.

Para Antunes (2006) a escola proporciona aos alunos uma constante reflexão sobre a vida cotidiana num todo, levando-os a dar contribuições para a transformação social de maneira crítica. O papel do professor é fundamental para a aprendizagem dos alunos, tornando a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo.

Segundo Vasconcellos (2004) os primeiros anos de vida da criança são de extrema importância para a formação do indivíduo em todas as nuances de seu desenvolvimento (psíquico, afetivo, físico, social). Um ambiente familiar afetivo e acolhedor propiciam o desenvolvimento efetivo. As primeiras interações da criança no mundo escolar também refletirão no relacionamento do aluno com a escola, a afetividade contribui para o sucesso da aprendizagem e formação do caráter da criança, a relação professor/aluno representa o momento de convivência e interação entre ambos formam o cerne do processo educativo.

O ambiente da sala de aula, segundo Hoffman (2010), deve estar sempre aberto ao diálogo, uma relação afetiva estreitará os laços entre educando e educador tornando o processo de construção do conhecimento, algo mais fácil e natural não sendo necessário o uso de estratégias intimidadoras que por diversas vezes são usadas no cotidiano escolar por professores sem a devida preparação para o cargo.

Maldonado (1994) entende que a arte de educar não constitui uma tarefa simples, ao contrário, requer comprometimento, habilidade, conhecimento e amor. O educador não é um simples transmissor de conhecimento, é um indivíduo formador de opiniões, que tem o dever de despertar no aluno um mundo de conhecimento, valores e sentimentos, da mesma forma que não podemos olhar o professor como um mecanismo de transmissão de informações. A criança, ao chegar à sala de aula, traz uma carga cultural, social e afetiva de extrema importância que o professor jamais pode descartar por não ser um conhecimento escolar. É a soma desse conhecimento cultural, com o conhecimento escolar, aliado a uma relação afetiva e de mútuo respeito entre professor e aluno que será a alavanca para a construção de um sujeito completo,

cognitivo, emocional, social, moral e físico. Tais mudanças ultrapassarão a cadeira do aluno chegando até as mãos do professor.

2 A ESCOLA E A AFETIVIDADE

Para Carvalho (2000) a escola proporciona aos alunos uma constante reflexão sobre a vida cotidiana num contexto mais amplo, levando-os a dar contribuições para a transformação social de maneira crítica. Para que isso seja possível a aprendizagem precisa ser construída e abstraída pelo aprendiz de forma significativa. O papel do professor é fundamental para a aprendizagem dos alunos, tornando a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo.

Para Freller (2001) o ambiente da sala de aula deve estar sempre aberto ao diálogo, uma relação afetiva estreitará os laços entre educando e educador tornando o processo de construção do conhecimento, algo mais fácil e natural não sendo necessário o uso de estratégias intimidadoras que por diversas vezes são usadas no cotidiano escolar por professores sem a devida preparação para o cargo.

Segundo Vasconcellos (2004) o ambiente escolar é um espaço em que se desenvolve a prática reflexiva sobre a vida do educando, levando-o a desenvolver uma consciência crítica e transformadora da sociedade na qual ele está inserido. A escola deve ser um ambiente agradável em que o aluno possa desenvolver todas as suas potencialidades. Cabe ao professor a tarefa de transformar o ensino numa prática pedagógica prazerosa e atrativa estabelecendo uma relação de afetividade entre ambos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) defendem alguns princípios que deveriam conduzir a educação escolar, como a dignidade da pessoa humana, à igualdade de direitos, a participação como princípio democrático e a corresponsabilidade pela vida social.

Rodrigues (2003) entende que a arte de educar não constitui uma tarefa simples, ao contrário, requer comprometimento, habilidade, conhecimento e amor. O educador não é um simples transmissor de conhecimento, é um indivíduo formador de opiniões, que tem o dever de despertar no aluno um mundo de conhecimento, valores e sentimentos, da mesma forma que não podemos olhar o professor como um mecanismo de transmissão de informações. Não se pode achar que os alunos são folhas de papel prontas para serem preenchidas com a caneta do conhecimento.

Dantas (2000) defende que a criança, ao chegar à sala de aula, traz consigo uma carga cultural, social e afetiva de extrema importância que o professor jamais pode descartar por não ser um conhecimento escolar. É a soma desse conhecimento preconcebido com o conhecimento escolar aliado a uma relação afetiva e de mútuo respeito entre professor e aluno que será uma alavanca transformadora e norteadora para a construção de um sujeito completo, cognitivo, emocional, social, moral e físico. Tais mudanças ultrapassarão a cadeira do aluno chegando até as mãos que seguram o giz que escreve na lousa.

2.1 RELAÇÕES FAMÍLIA E ESCOLA: um fator decisivo

Carvalho (2000) entende que falar do papel da família na vida escolar da criança é importante, pois é nela que recebe as primeiras orientações sobre a vida. Entende-se assim, que a família é como um berçário responsável pelos primeiros passos no caminho do desenvolvimento rumo à socialização; é onde a criança tem o seu primeiro contato com o relacionamento e a convivência, até chegar ao ponto de sua trajetória escolar; porém, antes que isto ocorra, os pais têm o papel de educar e projetar o ensino no decorrer do seu desenvolvimento.

Segundo Hoffman (2010, pg.16) “há famílias de todos os jeitos e tamanhos, diferentes árvores genealógica. Mas é nessa família que a criança se espelha, necessita dela para obter um bom desenvolvimento”. Compreende-se que a família assume um papel importante na vida da criança, onde o seu papel é transformador e profundo porque se a criança não se sente segura, não conseguirá ter um bom desenvolvimento, não só na vida escolar, mas também na vida pessoal.

O papel da família, segundo Margareth (2010), não poderá ser enfraquecido em momento algum, pois é onde a criança se espelha e procura forças para se desenvolver e mostrar-se confiante na escola ou neste mundo de grandes evoluções. É necessário ressaltar que, tanto a escola quanto a família, são responsáveis pelo desenvolvimento pleno de integração da criança. A família sempre terá autonomia para ocupar o espaço escolar dos seus filhos e dele participarem, e não deve haver de forma alguma inexistência de relações entre a família e a escola. Ao contrário, devem buscar se fortalecerem em uma interação constante de trabalho mútuo, visando sempre o desenvolvimento da criança.

A criança, enquanto aluno, aponta Hoffman (2010), é de inteira responsabilidade da escola; em sua identidade biológica e em âmbito familiar como filho, é responsabilidade da família. A escola tem a função de formar cidadãos preparados e críticos, indo muito além de uma simples tarefa de transmissão de conhecimento e cultural.

Nas palavras de Carvalho (2000), a vida da criança se resume nas interações sociais existentes a sua volta, tomando como ponto de partida a sua família e a escola, pois através das mesmas que a criança desenvolve suas primeiras palavras e desabrocha seu pensamento e linguagem. É na escola que a criança faz suas primeiras leituras, escreve suas palavras e cria frases e ideias, expressando seus sentimentos, construindo seus primeiros laços fora do seio familiar. Torna-se preciso que a família e escola estejam sempre unidas, para que assim sintam confiança no seu processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Margareth (2010) percebe-se que a escola, aos olhos da sociedade e da educação, é a que projeta, ensina e trabalha juntamente com a família em seu contexto escolar; substancialmente, os melhores resultados na educação estão surgindo desta necessidade de se encontrar e de se organizar em parceria com as famílias das crianças. Acredita-se que as ações educativas de caráter humano e pedagógico poderão ser atingidas com sucesso através do auxílio, da participação e da colaboração das famílias, em uma luta crescente de progressão formativa e educativa na vida da criança.

Para Hoffman (2010) entende-se que a família e a escola são simultâneas e complementares, ou seja, trazer as famílias para a realidade e o convívio escolar é importante, pois as mesmas são eixos de apoio ao ser humano como fontes de referência existencial na educação formal da criança. O objetivo de todas as atribuições da escola é transformar-se gradativamente em um ambiente rico e favorável para a aprendizagem da criança, adequado às necessidades de sua formação.

Carvalho (2000) acrescenta que escola e família educam; o que difere é o tipo de responsabilidade de cada uma. Mas o trabalho de ambas se complementam. Quando a criança vai para a escola leva consigo uma variedade de valores, hábitos e atitudes desenvolvidos ao longo do seu convívio familiar. Todos esses conhecimentos familiares serão necessários para o desenvolvimento da vida escolar e a criança espera receber na escola, o afeto recebido em família. Na Educação Infantil essa

transição pode ser problemática porque, na escola, a criança é uma dentre várias e todas as outras esperam o mesmo atendimento.

3 AFETIVIDADE NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM

Quando se fala em afetividade deve-se considerar as emoções, pois representam as expressões da vida afetiva e sempre são acompanhadas de reações espontâneas do corpo em resposta a uma situação inesperado. Para Dantas (2000, p.31) é o “conjunto complexo de químicas e neurais definidas biologicamente, dependendo da ação de mecanismos cerebrais”. As emoções se manifestam de formas diversas, podendo ser de raiva, medo, tristeza, alegria, entre outras. É preciso levar em conta que a mesma reação pode servir para expressar emoções distintas, como o choro, que pode ser de tristeza ou de alegria.

Para Chalita (2003) ao educador é atribuída uma grande responsabilidade, pois deve se colocar diante dos alunos, como professor e como pessoa que influencia, lembrando que os professores são seguidos e imitados por eles. A qualidade da relação entre professor e aluno pode influenciar positiva ou negativamente no processo de ensino-aprendizagem e também nas vivências pessoais construídas a partir das bases pessoais da criança/aluno em formação.

Dessa forma, comenta Freller (2001), o professor é responsável pelo estabelecimento da mediação entre o aluno e o conhecimento, sendo adequado fazê-lo de maneira que seja atuante e prazerosa, uma vez que, a partir dessa relação o aluno tem oportunidade de aquisição de uma quantidade maior de conhecimentos, entendendo-os como significativos na sua vida futura. Assim, segundo Antunes (2006), o professor deve ser comprometido com as mudanças das práticas docentes, que ainda possui vestígios de uma pedagogia tradicional e de direção única, na qual são desconsiderados os aspectos afetivos, permanentemente envolvidos no ao educativo.

Vasconcellos (2004) aponta ainda que a afetividade entre professor e aluno é de suma importância no processo de aprendizagem, uma vez que, a aprendizagem se dá através de uma troca e essa troca deve ser permeada de afeto. As crianças na educação necessitam de uma aproximação com o adulto cercada de muito carinho, afeto e respeito, portanto o professor se torna fundamental para a aprendizagem dos alunos. Todo ser humano precisa de afeto, carinho e atenção para se desenvolver,

portanto, para que haja a aprendizagem é necessário que ele se adapte ao ambiente no qual está inserido, formando vínculos afetivos que facilitarão o convívio, não só com o professor, mas com todos os colegas.

Maldonado (1994) nos leva a refletir sobre o quanto o medo e a desconfiança dificultam o relacionamento interpessoal, mostrando que o amor pode estar protegido sob camadas de mágoa, medo, tristeza, ressentimento, decepção e raiva.

É muito importante que o professor se atente para os fatos assinalados acima, pois, são reflexos do que acontece nas relações interpessoais no cotidiano escolar e estes podem revelar problemas com autoestima. Cabe ao professor a interferência direta na tentativa de ajudar o aluno com tais problemas para que ele se sinta merecedor de estima de consideração.

De acordo com Wookfolk (2000), infelizmente, o fato de o professor ser, muitas vezes, incapaz de conhecer a dinâmica do comportamento humano, o leva a fazer interpretações equivocadas quanto ao comportamento dos seus alunos. Muitas vezes os professores confundem os comportamentos, internos (emoções, sentimentos, valores, pensamentos) e de movimento acabam sendo confundidos com indisciplina.

3.1 INFLUÊNCIAS DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

Todo indivíduo, desde o nascimento, sofre influência do meio onde está inserido, especialmente no convívio com três grupos sociais básicos: a família, a igreja e a escola. Segundo Antunes (2006) desde o princípio a criança aprende através por meio da observação do comportamento de pessoas mais velhas, sejam pais, professores ou outras pessoas. A característica de ser social do ser humano permite a apropriação de conhecimentos perpetuados através de gerações, fazendo como que o indivíduo seja introduzido na aquisição de cultura desde seus primeiros dias de vida.

Nesse contexto, Freire (2002, p.151) aponta que “o aprender seria a condição fundamental para a vida. Considerando que o meio no qual vivemos é cultural e que a cultura humana é alterada pelas necessidades da espécie, todos, independentemente da idade, são aprendizes e sofrem influências das emoções e relações sociais.

Segundo Silva (2008) a inserção da criança no ambiente escolar marca o início de uma nova etapa de vida, que exige várias adaptações. Na escola a criança sofre uma transformação profunda na sua forma de pensar, pois antes o conhecimento era assimilado espontaneamente, sendo construído das experiências diretas das crianças. Em sala de aula, ao contrário, existe uma intenção prévia na organização das situações que incentivem os processos mentais e a capacidade aprender. O educando tem que se sentir motivado interiormente para que o desejo de aprender ocorra. O professor se torna um elo fundamental entre o aluno e o processo de aprendizagem.

Para Silva (2008) a aprendizagem está intrinsecamente ligada ao afeto e o bom relacionamento entre professor e aluno. Não existe aprendizagem em um ambiente triste, restrito, autoritário e vulgar. O ensino tem que ser objetivo e dinâmico, e o professor têm que ser uma pessoa sensível, conhecer a criança, corresponder a sua confiança que lhe dê liberdade e a valorize.

De acordo com o que foi mostrado por outros pesquisadores, Fernández (1991) salienta que toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo que vise estabelecer um vínculo entre professor e aluno. É preciso perceber que a aprendizagem escolar não se dá apenas no campo cognitivo, há todo um envolvimento afetivo que permeia essas relações. Para que haja aprendizagem é necessário um vínculo de confiança entre quem ensina e quem aprende.

Segundo Vygotsky (1994) a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Nessa perspectiva, o ato da construção dos conhecimentos implica em uma ação partilhada. Através da interação com o meio e com os outros indivíduos é que o educando irá internalizar o conhecimento, portanto, a afetividade é de suma importância na aprendizagem geral. O professor tem que despertar nos educandos a empatia e demonstrar uma sensibilidade na hora de escolher as atividades que norteiam as suas aulas para que estejam de acordo com a realidade do aluno.

Dantas (1994) também ressalta a importância da afetividade na construção do conhecimento. Para que a aprendizagem ocorra tem que ter um clima de afeto entre professor e aluno. Não tem como separar o processo cognitivo do afetivo, pois, todo ser humano apresenta os dois comportamentos.

A escola não deve ser palco apenas do processo de aprendizagem, a sua missão vai além de formar cidadãos críticos e conscientes, os quais possam falar de amizade, amor, respeito, carinho e afeto. “Os momentos de afetividade vividos na escola são fundamentais para a formação de personalidades sadias e capazes de aprender” (CAPELATTO, 2005, p.14).

O professor que tem como uma de suas metas a afetividade consegue criar um clima em que há compreensão, confiança, respeito mútuo e motivação. O professor afetivo é aquele que demonstra prazer em ensinar. O diálogo entre o professor e o aluno é peça fundamental para aquisição do conhecimento e uma boa relação entre ambos. O termo diálogo, por exemplo, pode significar simplesmente conversar, não quer dizer, inclusive, que haja entendimento entre as pessoas que conversam (FREIRE, 2002).

Para Capelatto (2005) a relação professor/aluno é preciso que haja interesses e intenções comuns, sendo o dialogo a mola propulsora dessa relação. O professor deve se colocar numa posição de igualdade com seu aluno, lhe mostrando que ele não sabe tudo e está ali no intuito de trocar experiências. Quando o aluno percebe que o professor também é um aprendiz, o ato de aprender se torna mais satisfatório, ele percebe que também pode ensinar algo ao seu professor. A atitude dele na sala de aula, a maneira como ele concebe a sua prática pedagógica o torna facilitador da aprendizagem e cabe ao professor a missão de construir a cidadania do educando.

Segundo Silva (2008) o professor desempenha um papel fundamental no processo da aprendizagem e todos eles deixam suas marcas, seja ela positiva ou negativa. O trabalho do professor em sala de aula, seu relacionamento com os alunos é um reflexo da relação que ele tem com a sociedade e com a cultura.

Para Antunes (2006) a atitude do professor na sala de aula, a maneira como ele concebe a sua prática pedagógica, contribui de maneira significativa no processo da aprendizagem dos educandos. O professor que maltrata, exclui e inferioriza os alunos não tem uma relação de afetividade com os mesmos, não terá sucesso no que ele irá transmitir, os alunos se sentem inferiores e não conseguem demonstrar a capacidade e o potencial de reflexão que possuem e ficam a mercê do professor autoritário e antidemocrático.

A indisciplina em sala de aula pode ser uma forma do aluno manifestar a sua insatisfação com a maneira do professor ministrar as aulas, fazendo com que os

alunos se sintam desmotivados a participarem. De acordo com Freller (2001) o professor que manda o aluno constantemente para a direção perde o controle sob a sua turma.

Dantas (2000, p.103) acredita que as faltas do bom relacionamento entre professor e alunos os conduzem a uma falta de respeito. O aluno quer demonstrar para o professor que não está nem aí para suas regras e o professor por sua vez quer mostrar que manda e muitas vezes age de forma autoritária e sem lógica impondo aos alunos que escrevam frases como essa – “nunca mais vou fazer bagunça nem desrespeitar a professora” – mais de cem vezes. Infelizmente atitudes como essas agridem os alunos e os deixam revoltados com o professor gerando muita satisfação. Alguns professores apontam a falta de vontade de estudar do aluno como o motivador dos problemas de relacionamento entre eles gerando conflitos em sala de aula.

Vasconcellos (2004) entende que esse comportamento inadequado faz com que os professores passem a maior parte do tempo chamando atenção dos alunos e prejudicando de maneira significativa o processo de ensino aprendizagem. A atenção do professor é desviada constantemente para a intervenção em desentendimentos, brigas, brincadeiras. Os comportamentos inadequados dos alunos estão prejudicando psicologicamente e fisicamente os docentes.

Antunes (2006) alerta que o professor deve ficar atento a tais problemas e fazer uma investigação a respeito de tais comportamentos, verifica as possíveis causas de tal problemáticas, e posteriormente traçar metas e estratégias para amenizá-las.

Para Vasconcellos (2004) quando o aluno percebe que o professor também é um aprendiz, o ato de aprender se torna mais satisfatório, ele percebe que também pode ensinar algo ao seu professor. A atitude dele na sala de aula, a maneira como ele concebe a sua prática pedagógica o torna facilitador da aprendizagem e cabe ao professor a missão de construir a cidadania do educando. A relação pacífica entre professor e aluno é um dos fatores mais importantes no sucesso da prática pedagógica, no âmbito da aprendizagem concreta.

Antunes (2006) destaca que a afetividade está intrínseca ao ser humano e manifesta-se primitivamente no comportamento, nos gestos expressivos da criança percebe-se então que o indivíduo desde seu nascimento demonstra e necessita do afeto para o seu pleno desenvolvimento, tanto físico quanto psíquico. Na relação professor/aluno é preciso que haja interesses e intenções comuns, sendo o diálogo a

mola propulsora dessa relação. O professor deve se colocar numa posição de igualdade com seu aluno, lhe mostrando que ele não sabe tudo e está ali no intuito de trocar experiências.

De acordo com Capelatto (2005) toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo que vise estabelecer um vínculo entre professor e aluno. É preciso perceber que a aprendizagem escolar não se dá apenas no campo cognitivo, há todo um envolvimento afetivo que permeia essas relações. Para que haja aprendizagem é necessário um vínculo de confiança entre quem ensina e quem aprende. A construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas.

Atualmente, considera Dantas (2000), o professor deixou de ser aquele que transmite conhecimentos técnicos e formais para ocupar o lugar de aquele que dá suporte, orientação e caminho aos alunos no processo escolar. Por isso, deve ter domínio dos conteúdos e também de estratégias e metodologias suficientes para o aluno visto como um ser amplo e único. O professor hoje ensina a cidadania, auxiliando a família no preparo deste ser para a vida em sociedade. Nesse contexto, o trabalho escolar deve visar também os valores que, por sua vez, têm um forte contexto afetivo, pois para se aprender e abstrair valores, as crianças devem ser solidárias, ter respeito e amor à condição do próximo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo supôs-se, inicialmente, que a afetividade esteja presente em todo o ambiente escolar e que tenha possibilidade de contribuições significativas no processo de ensino através da relação que é estabelecida entre professor e aluno.

Dessa forma, buscou-se aqui compreender a importância da afetividade e de um bom relacionamento entre professor e aluno no processo de aprendizagem das crianças na Educação Infantil.

A afetividade está presente na vida humana desde a gestação e a necessidade do afeto nas relações está sempre presente. Por isso, a relação entre a escola e a família é tão importante para construir e consolidar a relação entre educador e educando.

Atribuindo-se a devida importância às relações no ambiente escolar, a

afetividade, como a relação professor/aluno, sempre esteve em foco e foi alvo de diversas defendendo-se a importância de ressaltar a afetividade no processo de ensino aprendizagem.

Concluiu-se que, na escola, os processos necessários à aprendizagem se dão por meio de trocas, então, subentende-se que seja necessária a existência de uma relação pacífica, harmoniosa e afetiva. Na etapa escolar os vínculos construídos se mostram por meio de maior alegria no decorrer das atividades, maior interesse e participação ativa.

Portanto, para o professor, a afetividade pode levar ao prazer de ensinar, planejar e desenvolver seu trabalho. Ao desenvolver o afeto pelos alunos o professor terá maiores possibilidades de transformá-los em aprendizes autônomos, críticos e seguros de suas realizações.

Compreendeu-se que a relação afetiva entre professor e aluno torna-os seguros de suas capacidades, fortalecendo neles a auto - estima necessária para a construção do conhecimento.

Assim sendo, as considerações apontadas neste estudo irão contribuir de maneira significativa para os profissionais da área educacional que trabalham diretamente com a aprendizagem da criança na educação infantil, mostrando o quanto a afetividade e o bom relacionamento entre professor e aluno pode influenciar de maneira positiva no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1997, p.107-108.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Apresentação dos temas transversais, ética. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1997, p.25.

CAPELATTO, I. R. **O que é a afetividade**. 2005. Disponível em: <http://www.facaparte.org.br/new/download/capelato.pdf>, Acesso em: 06 nov. 2017.

CARVALHO, M. E. P. de. **Relações entre a família e escola e suas implicações de gênero**. 2000. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a06.pdf> Acesso em 06 nov. 2017.

CHALITA, G. **Pedagogia do amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Ed. Gente. 2003.

DANTAS, H. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. São Paulo: Summus Editorial Ltda., 2000.

FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FRELLER, C.C. **Histórias de indisciplina escolar**: Um trabalho de um psicólogo numa perspectiva Winnicottiana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOFFMAN, M. **O grande e maravilhoso livro da família**. São Paulo, 2010.

MALDONADO, M. T. Aprendizagem e afetividade. **Revista de Educação AEC**. v.23, nº 91. 1994, p.37-44.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARGARETH, J. **Interação escola família**. Brasília: Brasiliense, 2010

RODRIGUES, M. **Psicologia educacional**: uma crônica do desenvolvimento humano. 4.ed. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 2003.

SILVA, S. das G. O. **A Relação Família/Escola.** 2008. Disponível em: www.revistanovaescola/discussoeseducativas. Acesso em 06 nov. 2017.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** 3ª ed. São Paulo: Libertad, 2004.

VYGOSTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 5.ed. São Paulo: Martins Fontes. 1994.

WOOLFOLK, A. E. **Psicologia da educação.** 7.ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.